

ANTUNES, Caio. *A educação em Mészáros: trabalho, alienação e emancipação*. Campinas: Autores Associados, 2012. 130 p.

Demetrio Cherobini¹

István Mészáros é um autor que há muitos anos se dedica a uma tarefa imprescindível: utilizar o ferramental teórico criado por Marx para compreender a sociedade do capital e, com base nisso, fornecer elementos para a elaboração de uma estratégia capaz de revolucionar o atual modo de controle do metabolismo social. Seu intento fundamental é bastante claro e visível em todos os seus escritos: envidar esforços para a realização da comunidade de homens e mulheres verdadeiramente emancipados, *comunismo*, e evitar assim que a barbárie capitalista comprometa o futuro da humanidade. Mas apesar de o filósofo húngaro possuir uma vasta e reconhecida produção intelectual e escrever há pelo menos seis décadas, são poucos os estudos sistemáticos sobre o seu pensamento. Nesse sentido, a obra do professor Caio Antunes, *A educação em Mészáros: trabalho, alienação e emancipação*, vem ajudar a suprimir essa lacuna, trazendo uma importante contribuição para todos os que no Brasil se interessam pelas questões que envolvem a relação entre *educação e revolução*.

Em seu livro, Caio Antunes discute o tema da educação de maneira articulada com outros elementos essenciais da teorização do filósofo húngaro: o trabalho, a alienação, a emancipação humana. Com rigor e habilidade, o autor se debruça sobre tais pontos, tratando-os dialeticamente, de forma a fazer com que se iluminem e se esclareçam mutuamente.

A compreensão do *trabalho* é, aqui, primordial. O trabalho, constituinte fundamental do *ser* da humanidade, composto por um determinado conjunto de mediações responsáveis por assegurar o *metabolismo social*, quando submetido às exigências do capital, assume um caráter eminentemente contraditório, dando à luz novas mediações que se contrapõem de forma hostil aos sujeitos do trabalho e configurando a dinâmica da *alienação*, que se expressa de maneira devastadora: a atividade produtiva deixa de ser determinada pelos seus responsáveis diretos e, como desdobramento, os homens se tornam estranhos uns para os outros, para a sociedade, para a própria realidade sensível que por eles é criada. De ser autônomo e com a possibilidade de se desenvolver *omnilateralmente*, o homem é relegado à condição de entidade fragmentada, parcial, mecânica, coisificada. Os indivíduos particulares com que se defronta em seu dia-a-dia, as relações sociais mais mezinhas, o gênero humano como tal, convertem-se em meios para os seus fins pessoais. E ele, solitário, isolado, diminuído, desprezado, não encontra modos de não se converter também em meio para fins que lhe são alheios: os fins delineados pelas necessidades de produção e reprodução do sistema do capital.

Diante dessa situação, o que importa urgentemente é uma *transformação radical* do atual estado de coisas: a transcendência da alienação e da exploração capitalistas e a plena efetivação da *emancipação humana*,

a sociedade dos produtores livres e associados de que falavam Marx e Engels. Isso exigirá, por um lado, a negação completa das mediações que compõem o ser do capital, e, por outro, o estabelecimento de uma nova forma sociometabólica, na qual o desenvolvimento das forças humanas (e não o desenvolvimento do capital) seja afirmado como um fim em si mesmo. Ora, para Mészáros, como bem sublinha Caio Antunes, somente uma *revolução social* pode levar a cabo esse intento, a realização da transição socialista *para além do capital* e a consequente superação da destrutividade barbarizante que tal sistema preconiza em seu devir autoconstitutivo.

Nesse contexto, a *educação* tem um papel fundamental, na medida em que os sujeitos revolucionários precisarão, necessariamente, de uma *formação* adequada para a corporificação de seus propósitos superiores. Eles carecerão saber o que é o capital, entender a complexidade de seu movimento crítico, conhecer a composição e o antagonismo irreconciliável entre todas as manifestações de vida de todas as classes da sociedade contemporânea, aprender a rica experiência histórica de luta e de organização revolucionária dos trabalhadores e, sobretudo, compreender as possibilidades abertas no presente passíveis de serem utilizadas para a total superação do atual modo de controle sociometabólico. Numa palavra, deverão saber fazer na prática a “análise concreta da situação concreta” e extrair daí, do ponto de vista do trabalho, as elaborações estratégicas consequentes com seu objetivo principal. Este é o papel da *consciência comunista de massa*, que o filósofo húngaro defende em suas obras e que constitui o foco da educação transformadora – a educação *para além do capital* – dentro do movimento de *luta de classes* e de *transcendência positiva da autoalienação do trabalho*. Educação e práxis revolucionárias mantêm, assim, uma relação de integração permanente e de *reciprocidade dialética*.

Note-se que a proposta educacional do filósofo húngaro, enquanto militante comunista, revela-se muito mais radical e coerente do que a pedagogia dos que se esforçam em defender as vias institucionais como meio estratégico para a luta anticapitalista. Para Mészáros, está claro que a superação do capital não depende de medidas institucionais, mas de uma *revolução*. Uma revolução, por suposto, se efetiva quando a classe dominada consegue construir órgãos de poder autônomos capazes de rivalizar e de suplantar os órgãos de poder utilizados pela classe dominante. Daí a importância estratégica da luta *extraparlamentar, extra-institucional, extra-estatal*, assinalada pelo filósofo húngaro e que constitui o cerne da sua estratégia de *ofensiva socialista*. A educação transformadora serve, fundamentalmente, a esse propósito. Por outro lado, as ações que se circunscrevem ao âmbito das instituições burguesas conseguem, quando muito, uma atuação de caráter *defensivo*. É preciso transcender essa postura defensiva se se quer de fato implementar a ordem sociometabólica alternativa, na qual impere verdadeiramente o princípio da *igualdade substantiva*. A luta defensiva deve estar necessariamente atrelada e subordinada à luta *ofensiva*, isto é, à luta pela destruição completa das mediações que compõem o sistema do capital.

Por nos lembrar dessas verdades, por proclamá-las de maneira clara e corajosa e por não nos deixar esquecer nunca de que “a emancipação política não é a emancipação humana”, a classe trabalhadora saúda e acolhe a obra crítica de István Mészáros, assim como saúda e acolhe o belo estudo realizado por Caio Antunes como uma arma útil e necessária na batalha das classes.

Notas:

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Campus de Cascavel-PR. E-mail: cherobini@yahoo.com.br.

Recebido em: 10/2014

Publicado em: 02/2015.